

## **FORTIFIED INFINITY** **de Wolfgang Wirth**

*Filippo de Tomasi, Março 2018*

O nosso termo “limite” deriva da palavra latina limes, que indicava uma estrada fortificada em defesa de um território. Apercebemo-nos que no vocábulo latino coexistiam duas dimensões: uma primeira material ligada a fisicalidade de um lugar; e uma outra abstrata, onde a ação de defesa pressupõe uma diferenciação entre dentro e fora, inclusão e exclusão. Este enfoque arqueológico vai permitir desdobrar os significados explícitos e implícitos nas obras mais recentes de Wolfgang Wirth apresentadas na exposição FORTIFIED INFINITY. Com efeito, a perspectiva arqueológica é parte integrante da metodologia do artista: as plantas das fortificações militares de Elvas e Olivença são as bases para a reflexão sobre o sentido comum de limite.

O díptico Stars (Reflections on a Landscape) apresenta as plantas estilizadas como estrelas inseridas em paisagens naturais imaginárias. Todavia, estas fortalezas revelam-se ser obstáculos visuais na apreciação da imagem: os espelhos contidos interferem com a nossa visão, numa tentativa de incluir o espetador e em simultâneo de destruir os confins da imagem.

Da mesma forma, em Black Hole I + II a planta da fortaleza impõe-se como um filtro: o preto, que na teoria artística é a ausência de cor, esvazia o monumento histórico das suas significações, permitindo ao nosso olhar de preencher este espaço. Na série de nove serigrafias intituladas de Shapes, através da estilização, Wirth cria um padrão jogando com os volumes das linhas da planta da fortaleza. Com este mecanismo artístico, o valor histórico/político deste monumento não passa mais pelo seu aspeto físico, mas é desconstruído pela repetição alterada e alternada das plantas estilizadas.

No espaço da galeria são expostas também duas esculturas. A primeira é posicionada logo na parede da entrada e pode ser considerada como um portal de acesso à exposição, onde, através das cores, o artista inclui (e cria) novas significações na reconstrução da fortaleza em madeira. O outro objeto escultural é formado por espelhos e remete também pela função não de exclusão, mas antes de inclusão: de facto, todos os elementos que o rodeiam são refletidos e dialogam na sua superfície.

Entre todas as obras, Wall é o trabalho realizado por Wirth em contacto direto com o monumento histórico: aproximando-nos percebemos que os papéis são o resultado da técnica de frottage, isto é, o artista recalcou com pastel partes dos muros da fortaleza de Elvas. O monumento reproduzido subtrai-se, assim, ao seu próprio percurso temporal para entrar na galeria como momento de reflexão sobre o limiar do limite.

Gostava de terminar sublinhando a contemporaneidade social das obras de Wirth presentes nesta exposição. Os seus trabalhos refletem a nossa condição pessoal e coletiva de interrogar-nos sobre o diferente de nós, o outro e os limites das nossas relações com este diferente/outro. Mas talvez seria melhor repensar o mesmo conceito de limite voltando novamente a raiz latina da palavra: não apenas como limes, mas também como limen, que significa limiar, entrada. Nesta perspetiva, Wirth repensa a fortaleza sob a ótica de um (não)limite: algo que separa, mas que em simultâneo pode – e deve – unir permitindo um diálogo aberto e fecundo.